LISBOA



Antigo mosteiro de S. Vicente de Fóra, (hoje paço do Patriarcha de Lisboa)

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

MOSTEIRO DE S. VICENTE DE FÓRA

I

N'essas quadras da monarchia portugueza em que as ambições surgiam, pugnavam, e se continham, quasi exclusivamente, dentro do circulo traçado pelo amor da patria e da gloria, e pelo desejo da propagação da fé, os feitos d'armas de nossos maiores e os grandes successos da historia de Portugal eram commemorados com fundações de mosteiros.

Julgaremos, porém, erradamente, se pensarmos que taes monumentos não representavam mais do que as crenças religiosas das gerações que os levantavam. Triplice missão civilisadora era a dos mosteiros n'essas eras remotas.

Guardar em si sempre accesa e brilhante a luz da fé, que a poeira dos combates tendia a offuscar, conservando tambem sempre vivo e patente a todas as vistas o exemplo das virtudes christãs, que os excessos do feudalismo desconheciam ou escarneciam; recolher e animar as sciencias, as lettras, e as proprias artes, que esmorecendo e definhando-se no tumultuar das paixões, e no meio dos campos de batalha, procuravam foragidas e desconsideradas o remanso do claustro, d'onde em breve começaram a derramar os primeiros reflexos da instrucção publica; aconselhar e persuadir com a eloquencia da palavra e com a pratica das acções o amor da caridade e do trabalho, fontes de todo o bem para a alma e para o corpo, para o individuo e para a nação; tal foi a missão grandiosa commettida aos mosteiros, e por elles escrupulosamente desempenhada nos primeiros seculos da egreja, e ainda nos primeiros tempos da nossa monarchia.

Esses edificios, pois, que ora se nos afigura não terem mais significação do que a de servirem de memoria de uma instituição extincta em nosso paiz; foram antigamente verdadeiros monumentos na mais

lata accepção que hoje damos a este vocabulo. Symbolisando, a par da commemoração de um feito illustre, o espirito religioso de um povo, o facho da sciencia luctando com as trévas, o fogo da caridade aquecendo e vivificando os miseros a quem o sopro do infortunio enregelava e matava, e em fim o incentivo do trabalho moralisando e creando riquezas, consubstanciavam em si todos os germens da futura civilisação do paiz.

Portanto, assim como o opulento mosteiro de Alcobaça commemora a tomada de Santarem, o mosteiro de S. Vicente de Fóra é o padrão da conquista de Lisboa.

Ao cabo de cinco mezes de rigoroso assedio e de baldados esforços, as hostes de D. Affonso Henriques, graças ao arrojo e á heroica abnegação de Martim Moniz, levaram os moiros de vencida, assenhoreando-se d'esta nossa cidade.

O dia 21 de outubro de 1147 viu abater-se o crescente musulmano, e hastear-se victorioso o pavilhão das quinas sobre a cidadela de Lisboa. Apenas tinham decorrido 27 dias, quando o augusto conquistador, e nosso primeiro rei, foi com todo o apparato e ceremonial, que os tempos permittiam, abrir os alicerces de um templo e mosteiro em agradecimento a Deus pela victoria que concedêra aos campeões da cruz.

Foi escolhido para esta fundação o sitio onde el-rei puzera os seus arraiaes durante o cerco da cidade, e no proprio logar em que tinha edificado uma capella e uma enfermaria com um cemiterio contiguo. Consagrou-se o templo á Virgem Maria e ao martyr S. Vicente, porém foi sómente esta ultima invocação que ficou popular. Tendo chegado a Lisboa o corpo d'este santo, descoberto e transportado do promontorio Sacro (cabo de S. Vicente) por diligencias do mesmo rei D. Affonso Henriques, foram grandes as festas e alvoroços, e mui graves as disputas sobre qual havia de ser a egreja que lograria a posse de tão precioso deposito. Coube á sé o triumpho, ficando vencidos os parochianos de Santa Justa, que allegavam o direito de prioridade na posse da santa reliquia, porque esta fôra levada para a sua egreja da embarcação que a trouxera; e do mesmo modo os religiosos do novo mosteiro tiveram de ceder ante a pretenção do cabido, apesar de terem em seu favor a circunstancia muito attendivel de ser o dito santo um dos oragos da sua egreja.

D. Affonso Henriques declarou S. Vicente padroeiro de Lisboa, dando á cidade por brazão d'armas o navio, com os dois corvos, que transportou o corpo do santo martyr. D'esde então o mosteiro foi invocado simplesmente com o nome de S. Vicente, a que o povo accrescentou *de Fóra*, por estar situado fóra dos muros da cidade.

O fundador, pela affeição que tinha aos conegos regrantes de Santo Agostinho, do seu mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e particularmente pela estima e veneração que consagrava a S. Theotonio, prior que então era dos mesmos conegos, doou á dita ordem o mosteiro de S. Vicente de Fóra.

Não temos achado noticias ácerca da parte material da edificação del-rei D. Affonso Henriques. As chronicas monasticas são de ordinario muito escassas de esclarecimentos d'este genero, e faltas absolutamente d'elles, quando o edificio data de grande antiguidade.

O que é certo é que a primeira fabrica do mosteiro de S. Vicente de Fóra teve quatro seculos de duração. E singular coincidencia! O monumento erigido a Deus e á gloria nacional pelo fundador da monarchia e da independencia dos portuguezes, ameaçava breve e completa ruina, quando o exercito do duque de Alba veiu lançar por terra o throno levantado em Campo de Ourique, e escravisar Portugal!

Os conegos, vendo as paredes do templo e convento por todos os lados fendidas, e algumas até desaprumadas, resolveram-se a proceder a uma reedificação geral. Porém o rei intruso embargou-lhes o proposito. D. Filippe II de Castella quiz que a obra fosse sua, talvez por querer estrear o seu governo n'este paiz, que o desadorava, com uma resolução que deveria lisonjear o povo de Lisboa, ou por dar mostras da sua real munificencia, e do apreço que a cidade lhe merecia, em uma fundação sumptuosa.

Filippe II veiu a Lisboa, como é sabido, logo que as suas tropas lhe seguraram na cabeça a coroa usurpada (29 de Junho de 1581); e indo visitar o velho mosteiro de D. Affonso Henriques, mandou ahi chamar o architecto Filippe Terzo ou Tercio, e, dando-lhe carta branca, encarregou-o de uma reconstrucção *a fundamentis*, que fosse digna do poderoso soberano que a ordenava.

Começou-se immediatamente a demolição do edificio antigo, e quando os operarios desfaziam a capella-mór da egreja, acharam nos alicerces a pedra fundamental lançada n'elles pelo nosso primeiro rei. Era de fórma quadrada, e tinha gravada a seguinte inscripção: *Hoc templum ædificavit Rex Portugaliæ Alphonsus I. in honorem Beatæ Mariæ Virginis et Sancti Vicenti Martyris* XI. *Calend. Decembris sub Era* MCLXXXV; que em vulgar quer dizer. Edificou este templo Affonso I, rei de Portugal, em honra da Bemaventurada Virgem Maria e de S. Vicente martyr em 21 de novembro de 1147.

Encontrou-se na mesma occasião uma lapida com uma inscripção latina dedicada ao imperador Vespasiano.

Pouco tempo depois de saír de Lisboa el-rei de Castella, o cardeal archiduque Alberto de Austria, que ficára por vice-rei de Portugal, lançou solemnemente a primeira pedra do novo templo no dia 25 de agosto de 1582.

Consignou Filippe II avultada quantia annual para esta fundação, e ordenou que se empregasse n'ella toda a cantaria e mais materiaes da egreja de S. Sebastião, principiada a construir no Terreiro do Paço por esse desditoso e imprudente rei, que sepultára comsigo nos areaes da Africa, quatro annos antes, a coroa de seus illustres avós, e a independencia dos portuguezes. [1]

Os conegos regrantes tambem concorreram para as obras com uma boa parte dos rendimentos do seu opulento mosteiro, que todos os annos destinavam para engrossarem a consignação real. Não obstante todo este impulso, foi mister consumir nos trabalhos nunca interrompidos 47 annos para se concluir tão grande fabrica.

Estando apenas acabada metade da egreja no anno de 1605, fez-se logo a sagração d'essa parte do templo, e levantando-se uma parede provisoria para a separar da outra parte, que se achava em bastante atrazo, deu-se principio á celebração dos officios divinos. Poz-se a ultima mão na capella-mór em agosto de 1629, e aos 28 do mesmo mez e anno, dia consagrado á festa de Santo Agostinho, solemnisaram os conegos a inauguração do templo com uma pomposa funcção ao patriarcha da ordem agustiniana.

O terremoto de 1755 causou consideraveis estragos no mosteiro, mas ainda mais na egreja, pois que lhe derrubou a sua bella cupula, e uma grande parte das pyramides e outros ornatos das torres e da balaustrada que as une, e que vae cercando o terrado que cobre todo o templo. Estas ruinas foram mesquinhamente reparadas.

Em 1773, precedendo bulla do papa Clemente XIV, foram transferidos os conegos regrantes para o real convento de Mafra, e o seu mosteiro de S. Vicente de

[1] Teve começo esta egreja em 1571, e achava-se bastante adiantada, quando succedeu a perda de D. Sebastião. Destinava-a este soberano para cabeça de uma ordem militar, que meditava instituir, com o titulo de ordem da Flecha.

Fóra foi doado por el-rei D. José I ao cardeal patriarcha Saldanha para n'elle estabelecer a santa egreja patriarchal, o que logo se realisou.

A rainha D. Maria I mandou restituir os conegos ao seu mosteiro de S. Vicente de Fóra no anno de 1792, os quaes ahi se conservaram até 1833 com aulas publicas, em que ensinavam as linguas latina, grega e franceza, rhetorica, philosophia, geometria e historia. Estes cursos foram alli creados pelo marquez de Pombal com ordenados aos conegos que leccionavam.

No referido anno de 1833 foram mudados novamente os conegos para o convento de Mafra, por decreto de S. M. I. o Duque de Bragança, regente em nome de sua augusta filha a sra. D. Maria II. O templo de S. Vicente passou a ser egreja patriarchal, e o mosteiro residencia dos patriarchas. No anno seguinte é que foram extinctas as ordens religiosas. Mais tarde reformada e reorganisada a patriarchal, por bulla pontificia, veiu estabelecer-se no templo da antiga sé de Lisboa.

II

O edificio de S. Vicente de Fóra está situado a léste do monte do castello de S. Jorge, em terreno bastantemente elevado sobre a superficie do Tejo, posto que menos alto que o referido monte.

O frontispicio do templo está voltado para oeste, e deita para um largo acanhadissimo, que lhe faz perder muito da sua magestade.

A gravura que juntâmos a este artigo dispensa-nos de fazermos a minuciosa descripção da frontaria do templo. Conduzem ao adro tres escadas de pedra, a mais larga em frente das tres portas do vestibulo, outra tambem espaçosa em direcção á antiga portaria do mosteiro, e a terceira, mais estreita, encosta-se ao cunhal da fachada. Tem esta quasi 34 metros de largura, 32 de altura até á balaustrada que separa as duas torres, e 48 até aos globos de pedra que rematam as ditas torres.

As sete estatuas que decoram os nichos são de marmore e de proporções colossaes. Seis representam santos da ordem augustiniana, entre os quaes figura Santo Antonio de Lisboa, que professou primeiramente n'este convento, d'onde passou a tomar o habito franciscano. A septima é de S. Sebastião. Collocaram-n'a alli para compensarem o santo martyr da egreja que lhe desmancharam para com os despojos ajudarem a levantar esta a S. Vicente.

Se o architecto, ao traçar o desenho d'esta fachada, não se eximiu á sinistra influencia da politica tyrannica do governo, e da etiqueta fria e hypocrita da corte, que acabrunhavam sob o mesmo peso a nação e as artes, logrou todavia fazer uma obra, se não elegante e bella, como as que por esse tempo a architectura classica ou do renascimento erigia em França e na Italia, pelo menos nobre e grandiosa, e, póde-se tambem accrescentar, magnifica pela excellente pedra de cantaria de que é toda construida.

Os tres porticos do frontispicio dão ingresso para o vestibulo. Eram abertos até ao fim do primeiro quartel d'este seculo, sendo em 1826 que os conegos os mandaram fechar com portas de ferro. Do vestibulo entra-se para o templo por tres portas.

O interior da egreja corresponde, se não excede, á magnificencia exterior. É de uma só nave, e todo decorado de finos marmores de diversas côres. Tem 74 metros de comprimento, e o cruzeiro 18. O pavimento é de marmore em xadrez, e a abobada de marmore azul e branco. As capellas do corpo da egreja são fundas, e guarnecidas egualmente de bellos marmores, e de obra de mosaico.

O cruzeiro tem altares collateraes da capella-mór, e nos tôpos dois maiores e mais ricos do que aquelles. O que se ergue no fundo do braço do cruzeiro, da parte do evangelho, ostenta soberbos mosaicos de muito primor. Junto ao altar collateral da capella-mór, do mesmo lado do evangelho, está o tumulo do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

O condestavel, como é sabido, viveu recolhido nos ultimos 8 annos da sua vida no convento do Carmo de Lisboa, fundação sua, e no qual falleceu em o primeiro de novembro de 1341. Foi enterrado no meio da capella-mór da egreja do mesmo convento, em sepultura rasa. Mais tarde foi trasladado para um riquissimo tumulo, enviado de Flandres pela duqueza de Borgonha, D. Isabel, mulher de Filippe o Bom, e filha do nosso rei D. João I, a qual assim quiz honrar na morte o heroe que nos campos de Aljubarrota assegurára a corôa na frente del-rei seu pae.

Era de alabastro o mausoleo, e o seu comprimento de 12 palmos. Ornavam as quatro faces da caixa primorosas esculpturas, representando as santas imagens que o condestavel trazia pintadas no seu pendão, quando ia para a guerra, figuras de anjos, e o brasão de armas dos Pereiras. Descançava a caixa sobre leões, e na tampa estava deitada a estatua de D. Nuno Alvares Pereira, em vulto inteiro, vestida no habito religioso que usára no convento, empunhando na mão direita o bastão com que na velhice se apoiava, e segurando com a esquerda o livro de orações que costumava trazer sempre comsigo. Junto do tumulo avultava uma estatua em pé, de 7 palmos de altura, vestida de armas brancas, com peito, manoplas, grevas, espaldar, espada á cinta, e uma grande massa na mão. Representava o condestavel do modo em que saía a campo a pelejar com os inimigos da sua patria e do seu rei.

O terremoto de 1755, que derrubou a egreja de Nossa Senhora do Carmo, destruiu este magnifico mausoleo. Quando os frades edificaram a par do templo arruinado a sua egreja provisoria, que ficou definitiva, porque não chegaram a reconstruir a outra, mandaram fazer um tumulo de madeira em tudo egual ao que o terremoto despedaçára, e nelle depositaram os ossos do condestavel. Algum tempo depois da extincção das ordens religiosas ordenou a sra. D. Maria II, de saudosa recordação, que os restos mortaes do illustre progenitor da familia de Bragança fossem trasladados para a egreja de S. Vicente de Fóra. Assim vemos agora aquelle mesmo tumulo junto do altar de S. Theotonio, primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra.

A magestosa cupula, que se elevava sobre o cruzeiro, e que se alluiu em 1755, foi substituida por outra de mesquinha construcção, que desdiz da grandeza e opulencia do edificio.

A capella-mór é egualmente fabricada de marmores desde o pavimento até á abobada. O altar está collocado debaixo de um baldaquino de elegante estructura, ao modo das basilicas de Roma, o que a gravura que vae a pag. 229, mostra com mais clareza do que nós o poderiamos fazer, descrevendo-o.

É obra moderna, de madeira, deliniada e dirigida pelo eximio esculptor Joaquim Machado de Castro. As estatuas foram executadas por discipulos seus. Manuel Vieira fez as de S. Sebastião, S. Vicente, e dos anjos. Alexandre Gomes e Antonio dos Santos fizeram as de Santo Agostinho e de S. Theotonio.

Nas paredes lateraes da capella-mór abrem-se duas ricas tribunas para uso da familia real. O côro, que é muito espaçoso, fica por detraz do altar mór. Na parede do fundo sobresae um grande e bem ornado orgão. Conserva-se n'este templo a parochia de S. Vicente, que n'elle foi instituida.

Ao lado da capella-mór, da parte do evangelho, está uma pequena porta, que dá entrada para a casa que serviu de jazigo real, e serve agora de ultima

morada aos patriarchas de Lisboa. É uma casa comprida, muito estreita e lugubre, toda forrada de panno preto, a qual pela sua simplicidade e pobreza tanto contrastava com os esplendores e grandezas que cercaram na vida os reis e principes, que alli repousaram por larga serie de annos.

O actual jazigo da dynastia de Bragança fica por detraz da capella-mór, e tem a entrada no claustro. É uma casa espaçosa, elevadá, de boas proporções, e decorada com certa nobre singeleza, que, se não lisonjeia as vaidades do mundo, não quebra o prestigio da magestade, nem affronta a humildade da morte. Deve-se esta obra, que era tão reclamada pelo decoro do paiz, a S. M. El-rei, o sr. D. Fernando, que a mandou fazer, e ordenou a trasladação dos reaes cadaveres, durante a sua regencia na menoridade de seu augusto filho, El-rei o sr. D. Pedro v, de gloriosa memoria. O illustre chefe da casa de Bragança repousa em sumptuoso tumulo de marmore. Os outros reis, rainhas e principes jazem em caixões forrados de veludo, e chapeados de metal, com os epitaphios gravados em laminas de prata. Os caixões estão collocados por sua ordem sobre uma especie de tarimba de marmore, que vae correndo em torno da casa, junto das paredes.

Erguem-se no centro da casa duas eças tambem de marmore. Sobre uma d'ellas descança o feretro d'aquelle principe immortal, que subiu a dois thronos para libertar duas nações, e que abdicou duas corôas para empunhar a espada de general da liberdade. Como homenagem aos grandes serviços que prestou á civilisação de Portugal occupa este logar de honra o sr. D. Pedro, duque de Bragança, IV do nome na serie dos nossos reis, e primeiro imperador do Brasil. A outra eça é destinada para o ultimo monarcha fallecido, pelo que serve agora de base ao ataude que encerra o corpo do sr. D. Pedro v, o amigo dedicado do povo, e perfeito modelo do rei constitucional.

A sacristia divide o claustro em duas partes eguaes, ou, diremos melhor, separa os dois claustros, ficando-lhe de cada lado um terreiro cercado em quadra por arcadas fechadas de alto a baixo com vidraças. Está construida com riqueza, e merece attenção pelos bellos mosaicos que lhe adornam as paredes. Esta sacristia foi começada no principio do seculo XVIII, e concluida pelos annos de 1716. Como o templo de S. Vicente foi entregue á patriarchal antes da suppressão geral das ordens religiosas, não se viu despojado dos seus vasos sagrados, alfaias, paramentos, e outros objectos preciosos que se guardavam na sacristia.

Os claustros não ostentam primores de arte, nem galas de architectura, porém são magestosos pela sua grandeza, regularidade, solidez de construcção, e optima qualidade de cantaria de que são fabricados. Em uma capella d'este claustro jazem em tumulos de marmore os principes D. Antonio e D. José, filhos legitimados del-rei D. João v, conhecidos pelo nome popular de *meninos de Palhavã*. Em volta do claustro estão as salas que serviam outr'ora de aulas das diversas disciplinas que alli ensinavam os conegos regrantes.

A portaria, cuja entrada fica contigua ao frontispicio do templo, é uma das boas peças do edificio. O tecto, pintado a oleo em 1710 por Vicente Baccarelli, pintor italiano, é reputado obra de merecimento por alguns entendedores. Cyrillo Volkmar Machado, professor de pintura fallecido em 1823, diz nas suas Memorias, fallando d'este tecto:

«É uma das melhores coisas, ou antes a melhor que d'este genero temos em Lisboa. A composição, a harmonia de côres, o effeito da perspectiva, os partidos da luz e de sombras, o manejo precioso do pincel, tudo concorre para o fazer admiravel.»

Os estragos que lhe causou o terremoto de 1755; a barbaridade que n'elle se commetteu, no tempo em que alli esteve a patriarchal pela primeira vez, caiando-o todo; e depois os trabalhos mandados executar pelos conegos, no seu regresso ao mosteiro, para lhe ser tirada a cal e restaurada a pintura, fizeram-lhe perder muito da sua belleza e valor.

O edificio do mosteiro, ao presente palacio patriarchal, é grandioso, e sem duvida o mais vasto e regular de todos os extinctos conventos de Lisboa, que chegaram a concluir-se. Compõe-se de tres fachadas, uma parallela á frontaria da egreja, outra correndo por detraz da capella-mór, até ir rematar em um arco de cantaria, que atravessa a rua lateral da egreja, denominado *Arco grande de cima*, e pelo qual se passa do mosteiro para a cerca. A terceira fachada une as duas referidas. A primeira é mais baixa pela elevação do terreno. As duas ultimas constam de tres andares, com uma architectura nobre e uniforme, e deitam para dois grandes pateos.

Apenas uma parte do edificio está occupada com os aposentos do prelado, com a livraria, e com a relação e camara ecclesiastica.

Para o estabelecimento do paço patriarchal fizeram-se varias obras, alterando a disposição interior do edificio, e rasgando algumas janellas. Uma das salas de sua eminencia é adornada com o apostolado em doze grandes e bellos quadros pintados a oleo.

A livraria era a antiga do mosteiro. Encerra mais de 22 mil volumes; e tem contiguos um gabinete de physica, e outro de chimica.

A quinta é extensa, e era muito bonita e deliciosa em tempo dos conegos regrantes, porque era cultivada com esmero. Hoje acha-se em grande decadencia. Tem dois jardins; um soberbo jogo da bola com uma casa em que havia bilhar, tudo assombrado por copadas arvores; horta, pomar, ruas de arvoredo, etc.

Ornam o primeiro jardim 20 vasos e outras tantas figuras de marmore, um lago, e uma pequena cascata. O segundo, d'onde se desfructa uma linda vista do Tejo e dos montes e povoações d'além, é guarnecido com 16 grandes vasos, 6 estatuas, e 17 bustos sobre altos pedestaes, tudo de fino marmore. Antigamente via-se junto aos jardins um vasto e esbelto viveiro, com varios repartimentos em que viviam diversas especies de aves de recreio, indigenas e exoticas. É notavel um poço de nora que ha n'esta quinta pela sua immensa profundidade.

A quinta vae finalisar no largo da Graça. Serve-lhe de muro, desde a rua do Arco grande de cima até áquelle largo, um comprido lanço da muralha com que el-rei D. Fernando cercou Lisboa em 1372. Quasi no extremo d'esse lanço ainda se vê parte de uma torre que defendia o *postigo da Graça*, que era uma das 38 portas d'aquella cerca de muralhas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A VISÃO DO PRECIPICIO

(Vid. pag. 221)

II

O PHANTASMA DO AÇUDE

«Passaram-se mezes e mezes—continuou o João; veiu o outono desfolhar as arvores, e estender sobre a terra o seu manto de tristezas; depois o inverno gelado agrupou as familias ao canto da lareira; voltou a primavera sacudindo sobre os campos o seu regaço cheio de flores e verduras, voltaram as longas tardes do estio, e o sol ardente de agosto veiu de novo doirar os pinheiros que ensombravam a cruz do precipicio: e nem a triste Branca recebia noticias do seu noivo,



Vista interior da capella-mór do mosteiro de S. Vicente de Fóra — Pag. 225

nem Inigo Paes a podia consolar com outras novas, que não fossem as que, logo pouco depois da partida de Raymundo, tinham sido trazidas por um fidalgo que voltava das terras do Algarve.

Contava elle que vira n'uma renhida escaramuça o filho de Inigo Paes estreiar-se no arduo mister do lidador d'aquellas eras. A estreia fôra digna do nome honrado de seu pae. Contava o fidalgo que o tinha visto arrojar-se aos moiros com valor sobrehumano, e abrir com a acha de armas um largo e sanguinolento sulco nas fileiras mahometanas. Quando, no fim da escaramuça, Raymundo Paes passou de viseira levantada junto dos prisioneiros, estes, vendo o rosto delicado, o buço que lhe assombreava levemente o labio superior, e a belleza quasi feminil do mancebo, não queriam acreditar que fosse o mesmo que praticára prodigios de valor, e ante o qual as cimitarras moiriscas voavam em lascas, decepadas pelo montante que parecia manejado pelo braço de robusto montanhez.

Estas noticias encheram de orgulho o coração paternal do velho guerreiro. A Branca não succedia o mesmo. As façanhas que enthusiasmavam Inigo Paes faziam receiar á gentil donzella que Raymundo, arrastado pelo seu ardor juvenil, fosse encontrar a morte no gume afiado de um alfange mahometano.

Assim correram os mezes, e as rosas do rosto de Branca desbotavam, desbotavam até se trocarem nos lyrios que a desesperança ía fazendo brotar nas faces da donzella.

E Raymundo? Valente cavalleiro, não ha proezas que absolvam um perjuro, nem as indulgencias, concedidas pelo santo padre aos defensores da fé, são sufficientes para arredar de cima da cabeça do sacrilego o raio fulminado pela mão do Omnipotente.

Raymundo Paes, Raymundo Paes, que demonio fatal te arrojou aos pés da cruz, e te dictou o terrivel juramento, que havias de esquecer tão cedo? Ai! cavalleiro, ainda o vento do outono não desfolhou a verde grinalda que enramava a cruz do precipicio, e já o vento da inconstancia fez murchar o candido affecto que floria em teu peito, e que juráras conser-

var tão puro e tão sem mancha, como era pura e immaculada a imagem d'aquella que t'o inspirou.

Ai! Branca, timida rôla, que escondida na espessura, a sós com as tuas tristezas pranteias a ausencia do ingrato que te esqueceu, mal sabes tu que em quanto fitas o olhar melancolico na lua pallida como o anjo da saudade, e pareces perguntar-lhe mudamente se o teu olhar se cruza no espaço com o olhar saudoso do teu gentil campeão, elle o perfido, o perjuro, o sacrilego, esquece nos braços de outra o teu amor de virgem, o teu modesto encanto, as tuas graças infantis.

Durante os primeiros tempos, as meigas recordações do seu amor de criança arderam dentro d'elle tão vivas e tão serenas, como arde viva e serena a lampada do altar no recinto sagrado da egreja christã; se uma tentação má lhe surgia no animo, e lhe mostrava á luz de um relampago infernal mundos desconhecidos de prazer vertiginoso, era logo repellida pelo saudoso mancebo, que conservava o coração perfumado de innocencia, como sanctuario florido, onde o christão abriga devotamente a imagem da Mãe do Salvador.

. . . .

. . . .

Era por uma noite sombria, calada e mysteriosa, noite propria como nenhuma outra para emboscadas e ardís de guerra. N'essa noite, n'um alcaçar moirisco, situado em terras do Algarve, dormiam socegados os perros descridos, confiados na vigilancia das atalaias, e certos que os rudes batalhadores de Christo, vencidos do cançaço, concederiam involuntariamente tréguas aos filhos de Mafoma. Os almogavares, voltando das suas excursões, não tinham trazido novas de movimento algum no exercito christão. Dormiam as almenaras no cimo das montanhas, e a atalaia, vigiando no alto da torre, não estremecêra vendo uma pluma de fogo accender-se de repente, e, ondulando nos ares, dar signal da apparição dos nazarenos. Quão enganados estavam, e essa serpente de ferro, que se enrosca ás muralhas da fortaleza, vae acordal-os inesperadamente do seu somno voluptuoso!

De repente o grito de S. Thiago e ávante! echôa nas barbacans do alcaçar, e as sentinellas, caindo apunhaladas sem terem tempo de soltar um grito, pagam com a vida a sua indolencia descuidosa.

Que scena de confusão no meio das trévas! Os gemidos dos moribundos, os gritos das mulheres, as blasphemias dos guerreiros sorprendidos cruzam-se com os gritos de victoria dos cavalleiros portuguezes. Apenas de quando em quando um ou outro arabe mais destemido arranca da cimitarra, e faz brotar centelhas instantaneas, cruzando-a com o pesado montante christão. Não tem quartel os vencidos; os vencedores sequiosos de sangue transformam n'aquelle momento o valor do guerreiro na ferocidade do assassino. Eras de barbaridade! Já vão longe felizmente.

Raymundo vae entre elles. Embriagado pela carnificina, descarregava ás mãos ambas a acha de armas sobre os que pretendiam fugir á sorte de seus irmãos. De repente um vulto feminino roja-se-lhe aos pés, suspende-lhe o braço já levantado para descarregar o golpe, e com uma voz melodiosa como o susurrar da brisa nos ramos do salgueiro, murmura em portuguez: Perdão!

A lua, que até alli se conservára escondida entre nuvens, desembaraçou-se a final do seu manto sombrio, e veiu acariciar com os raios de luz serena as faces tostadas da arabe gentil.

Nunca Raymundo vira um rosto tão diabolicamente tentador. Eram uns labios onde se viam arfar promessas voluptuosas de beijos delirantes. Eram uns olhos negros, onde brilhavam as chammas do desejo, as labaredas infernaes da tentação! Eram as tranças negras fluctuando sobre o collo nú, que a brisa beijava com delirio, roubando-lhes perfumes inebriantes, que vinham enlouquecer o ingenuo amador da casta Branca. E elle sentiu a febre do desejo a vir escaldar-lhe o sangue, sentiu uma ignota anciedade vir opprimir-lhe o peito. Era o terrivel despertar dos sentidos n'um rapaz de dezoito annos. Eram as tentações da voluptuosidade, eram as commoções do prazer sensual, era um demonio desconhecido que lhe vinha murmurar ao ouvido os vagos encantos e mysteriosos amores.

Raymundo sentiu o perigo, e quiz afastar-se d'elle. Repelliu-a, e, invocando a imagem de Branca, quiz fugir da tentação fatal; mas a moira enroscando-se a elle, como a serpente se enrosca ao corpo do homem fascinado pelo poder invencivel do seu olhar, murmurou:

— Não me deixes, nazareno. Os teus olhos são negros como noite sem estrellas; mas são transparentes como o espelho das aguas. Porque havias de tu ser cruel como a hyena do deserto, se és bello e magestoso como o leão das selvas? Olha, sou tão nova! Ainda a amendoeira não floriu vinte vezes, desde que minha mãe me apertou pela primeira vez ao seio palpitante. Salva-me, salva-me e serei a tua escrava. Servir-te-hei de joelhos como a meu senhor e amo, cingir-te-hei a armadura, adivinharei os teus caprichos, e adorar-te-hei como adoro o propheta de Medina. Ouves? Filho dos christãos, salva-me, salva-me!

— Deixa-me, tentação do demonio, bradava Raymundo com voz balbuciante; deixa-me, anjo das trévas; deixa-me, enviada de Satanaz.

— Não, tornou a amaldiçoada, aproximando os labios vermelhos como a flor de romanzeira aos labios de Raymundo. Sou bella, e amo-te! Sou tua, e tu és todo meu; porque te vejo torcer desesperado nos braços de fogo do prazer. Amas-me, e eu... sou tua.

— Amo-te, amo-te, bradou Raymundo caindo oppresso aos pés da musulmana.

Ai! Branca, timida Branca, chora o teu amor profanado! N'esse momento fatal o anjo da guarda do teu amante velou com as mãos o rosto celestial, que as lagrimas inundavam, e foi, suspenso n'um raio da lua, prostrar-se aos pés do throno do Omnipotente!

Entrado na senda da perdição, não havia poder humano que salvasse Raymundo da condemnação eterna. Tinha vendido a sua alma por um beijo de fogo, e trocára o paraiso pelo inferno da voluptuosidade. Profanado o terrivel juramento, o que havia de sagrado para Raymundo? O que importava a honra de cavalleiro a quem prostituíra a santa creiça de seus paes? Apagára-se a candida estrella que o guiava nas trévas da existencia, e a luz, que o fascinava, scintillava nos olhos negros de Zoraida, a gentil amaldiçoada. Se tinha reflexos infernaes, tinha tambem o esplendor prestigioso da tentação sensual.

Desde essa noite ninguem mais soube d'elle. Diziam que renegára, e que, enlaçado nos braços da musulmana, fechára os olhos á luz do christianismo, e se arrojára ao abysmo infernal, onde ha o fogo eterno e o eterno ranger de dentes dos réprobos.

Foram estas as noticias que Branca recebêra, no dia em que fazia um anno que Raymundo a deixára.

Não disse palavra ao receber a nova fatal. Saíu e caminhou pallida, hirta e vagarosa como estatua adormecida n'um tumulo, que, obedecendo a feitiço desconhecido, se erguesse do seu leito de pedra, e se dirigisse muda para o sitio onde a chamava a attracção mysteriosa.

Os aldeãos, que a encontravam, paravam para a saudar. Mas ella nem os ouvia, nem parecia vêl-os. Costumados á amabilidade da fidalguinha, ficavam os coitados boquiabertos, ao verem a desusada distracção. Mas, se lhe reparavam nas feições demudadas, vendo

a pallidez de marmore, os labios brancos e entreabertos, os olhos fixos e esgazeados, benziam-se devotamente, e murmuravam que era mau olhado que tinham dado á menina do castello.

Assim caminhou até chegar ao sitio do Açude. Ajoelhou junto da cruz, e um aldeão, que a seguia de longe, viu-a rezar muito tempo, e abraçar os pés do Crucificado. Depois, chegou á beira do precipicio, e sem hesitação, sem fraqueza, despenhou-se no abysmo. O corpo gentil ennovelou-se nos ares, e foi despedaçar-se nas pedras da cascata, espirrando ondas de sangue que tingiram de purpura o manto de espuma que envolvia as rochas. As aguas do rio abriram-se para tragar o cadaver, e depois continuaram indolentes a correr, e a murmurar o seu eterno cantico, como se não se tivesse escripto alli o epilogo de um drama desventurado.

O aldeão, que vira de longe a scena fatal, sem poder obstar ao seu inesperado desenlace, fugiu dando um grito de horror, e foi contar ao castello o que presenciára. Quem perdeu alguma vez, de modo tão terrivel um ente estremecido, avalie a dor do triste pae de Branca. Eu não a sei narrar. Sente-a o coração, mas os labios recusam-se a exprimil-a. Veiu depois gente do castello, e tiraram do fundo do precipicio o cadaver horrivelmente desfigurado da gentil donzella. Enterraram os restos d'aquella pobre martyr aos pés do Crucificado, que ouvíra a sua ultima prece, e a quem pedíra talvez perdão do crime que ia commetter. Plantaram ao pé da cruz roseiras e madresilvas, cujo perfume suavissimo ia levar ao longe a ultima recordação da que tivera na terra a corôa da innocencia, e tinha agora nos ceos a palma do martyrio.»

— Pobre rapariguinha, interrompeu o mestre lagareiro com mostras de penalisado, dar cabo de si por causa d'aquelle patife!

—Então que quer vossemecê, *sô* Manoel dos Reis, coisas que acontecem, tornou o narrador, ninguem póde fugir á boa ou má sina, que Deus lhe deu. Era aquella a sorte de Branca, havia de cumpril-a.

— Vamos á historia, vamos á historia, bradou José Augusto com enthusiasmo! Que fez Raymundo? O que aconteceu a Zoraida? Quero saber quem é por fim de contas o phantasma do Açude.

«Raymundo, meu fidalgo, não via senão Zoraida n'este mundo. Um capricho d'ella valia mais do que um mandado de Deus.

Christão, tripudiou com a infame sobre a cruz despedaçada do Redemptor; cavalleiro, quebrou a espada de seu pae para que esse espelho da honra não lhe reflectisse constantemente toda a hediondez do seu crime; fidalgo e portuguez, salpicou de lama o brasão de seus maiores, e abandonou a defesa da patria, quando ella reclamava o auxilio de todos os seus filhos. Aqui está o que se póde chamar um amor de perdição!

Uma noite chovia agua se Deus a dava, o vento fazia tremer as casas, e curvava até ao chão os pinheiros agigantados! A trovoada estalava com medonho estampido, os relampagos cingiam a terra com o seu cinto de chammas, e os raios vinham de vez em quando, lascando as rochas, transformar as arvores em archotes colossaes. O temporal era como nunca se tinha visto n'esta terra, nem nunca mais se tornou a vêr, porque todos dizem que a procella d'aquella noite era obra de Satanaz. No Açude principalmente era medonho o aspecto da tormenta. O rio furioso arrojava borbotões de espuma, que se cruzavam com os raios, que vinham lamber as rochas com as suas linguas de fogo. Deus me perdôe, mas o temporal de hoje tem algumas parecenças com a tempestade d'essa noite infernal. Quer-me parecer que tambem hoje anda fazendo das suas o inimigo do genero humano.»

Um calafrio de horror correu pela assembléa. Todos se chegaram mais para ao pé do lume, e olharam uns para os outros benzendo-se silenciosamente, ao passo que lá fóra gemia o vento com voz soturna na porta carunchosa do lagar.

«N'essa mesma noite Raymundo e Zoraida atravessavam a cavallo o pinheiral que termina no Açude. A reprovada de Deus folgava com noites tempestuosas, e nunca se sentia tão bem como quando os raios lhe illuminavam a estrada, e o trovão respondia magestoso á sua voz blasphema.

— Olha a cruz do nazareno, bradou Zoraida quando chegaram á cruz do precipicio; não vês, Raymundo, como a chuva açoita irreverente o rosto do martyr do Calvario! Porque não transfórma elle os raios, que fulminam a cruz abandonada, em cimitarras de fogo que façam rolar a seus pés a cabeça da condemnada, da filha de Mahomet?

E ella ria, — ria com umas gargalhadas estridentes, que vibravam sinistras dominando os ruidos da tempestade, e que, repercutidas pelos echos do abysmo, tinham um não sei que de infernal. Raymundo estremeceu.

— Não zombes d'esta cruz, respondeu elle com modo sombrio; quando eu era innocente; — e suspirou — vinha aqui ajoelhar muita vez. Não zombes d'esta cruz, peço-t'o.

Zoraida fitou por muito tempo n'elle o seu olhar aveludado, fascinante, diabolico e tentador. Era incomprehensivel a magia d'esse olhar, e mais incomprehensivel ainda o dominio que exercia no moço cavalleiro. Dir-se-hia que dois sentimentos oppostos combatiam no coração de Raymundo; de um lado a repugnancia, a rebellião da vontade, do coração, do espirito contra aquelle demonio oppressor; do outro lado uma attracção irresistivel, fatal, que o arrastava a seu pesar, e o prostrava aos pés da musulmana.

Venceu o anjo mau. Raymundo curvou-se sobre o pescoço do cavallo, ebrio de amor ou de desejos fitou com olhar frenetico os olhos de Zoraida, e quando ella, com um sorriso de escarneo se approximou da cruz, e cuspiu no rosto do Crucificado!.. elle, vencido pelo demonio, imitou-a, rindo com um riso convulso e doloroso, que fazia horror.»

— Jesus! — bradaram os circunstantes.

O vento abriu a porta do lagar, e á luz de um relampago viu-se o campo devastado pelo vendaval e inundado pela chuva; um trovão medonho fez benzer todos, e emmudecer o narrador. Chegaram-se mais ao lume, e olharam uns para os outros. Estavam todos pallidos e trémulos.

— Aconteceu exactamente o mesmo que aconteceu agora, continuou o João Moedor com a voz a tremer-lhe um pouco; a luz de um relampago deixou ver uma loisa aos pés da cruz, e o nome de Branca inscripto sobre a pedra. Um trovão formidavel ribombou sobre a cabeça dos dois amaldiçoados, e a campa estalou como se fosse de vidro. O phantasma de Branca, involto em candidas roupas, e com a fronte cingida das rosas virginaes, ergueu-se da sepultura, fazendo recuar Raymundo horrorisado. Este quiz desviar a vista, e o phantasma seguiu o movimento dos seus olhos; quiz tapar o rosto com as mãos, e as mãos fizeram-se-lhe transparentes, deixando ver ainda a imagem da donzella serena como uma santa, triste como uma martyr, impassivel como o destino. Quiz enterrar os acicates nos ilhaes do cavallo, e o cavallo esvaíu-se como fumo, adelgaçando-se, e escapando-lhe por entre os joelhos, como um pedaço de neve que o sol derrete nas montanhas. Raymundo deu um grito de horror, e estacou petrificado.

Então voltou os olhos para Zoraida, e ficou atterrado da transformação da sua amante. O rosto, cuja belleza o fascinára, fizera-se negro, mais negro do que o carvão. Scintillavam os olhos como duas bra-

zas, e nos labios volteava-lhe um sorriso de ironia. O braço assetinado que beijára tanto, estendia-se para elle terrivel e ameaçador. Raymundo, por um esforço supremo de vontade, recuou dois passos, mas o braço estendeu-se, estendeu-se, tornou-se desmesurado e apertou-lhe o pescoço, queimando como se fôra uma tenaz ardente.

— Não me foges, bradou ella com voz rouca, vendeste-me a tua alma, renegado. Segue-me, segue-me. Pertences-me. Vem, que o inferno celebra hoje o nosso noivado. Os raios são os fachos do hymeneu, e Lucifer o sacerdote. Vem, é este o leito nupcial.

E, arrastando-o com uma força irresistivel, precipitou-se com elle no abysmo. Um clarão avermelhado illuminou as aguas da torrente, que exhalaram um cheiro nauseabundo de enxofre.

Mas o phantasma de Branca ficára ajoelhado aos pés da cruz, implorando o perdão do condemnado. No rosto de Christo, suavemente illuminado, resplandecia um vago arraiar precursor da aurora da misericordia.

Apenas Zoraida desappareceu, desfez-se o encanto. Serenou a tempestade, e a brisa perfumada da noite veiu timida brincar nas rosas do tumulo de Branca.

Mas ainda hoje, em dias de vendaval, se vêem duas sombras terriveis correndo para o precipicio, uma horrorisada, trémula, arrastada, a outra com uma alegria feroz no semblante. Aos pés da cruz vem então ajoelhar uma sombra com o rosto inundado de lagrimas celestiaes.

É que Raymundo ainda está cumprindo as penas do purgatorio, e Branca, o anjo do Senhor, sem deixar de implorar a misericordia divina para aquelle que tanto a fez soffrer, mas a quem tanto amou!

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

FERNÃO DE MAGALHÃES

(Vid. pag. 170)

III

As emprezas arrojadas e aventurosas de Christovão Colombo e Vasco da Gama foram o signal e o principio de uma serie ininterrupta de navegações e descobrimentos, que ainda hoje, depois de quasi quatro seculos, se proseguem com fervor no empenho de implantar a civilisação em toda a terra, e de completar a geographia.

Desde que, pelos annos 1000 da era christã, o scandinavo Leif Erik [1], descobriu a America do norte, consequencia dos primeiros estabelecimentos norueguezes na Islandia [2] e na Groenlandia [3] até á moderna circumnavegação da fragata austriaca *Novara*, desde os imperfeitos conhecimentos geographicos consignados no *Opus majus* de Roger Bacon e no *Imago mundi* do cardeal francez Pedro d'Ailly ou d'Alliaco, até ás exactas e correctas informações que, ácerca da terra, nos offerece a moderna geographia, decorre uma successão de emprezas, de aventuras e de investigações laboriosas, que é a mais alta e a mais illustre representação dos progressos da humanidade.

[1] Leif, filho de Erik o vermelho, aportou á America Septentrional, e reconheceu as suas praias desde o extremo norte até 41° e meio de latitude boreal. Beijarn Herjulfssen havia já descoberto as costas americanas, sem ter tomado terra no novo continente em 986. Vid. Christian Rafn. *Antiquitates americanæ*, p. 11, 93 e 304.

[2] Naddod avistou as costas da Islandia por meado do seculo X e Ingolf estabeleceu n'esta ilha o primeiro estabelecimento scandinavo em 875.

[3] A Groenlandia recebeu uma colonia islandeza em 983. «Till de nordislka landerna maste afven raknas Islandera, som bebyggdes af Norman. De besoekte, pa sina sjoeresor, Gronland och ett land, som de kalladde Winland, numera Norra Amerika. De hade salunda langt före Columbi tid upptackt Amerika. Mellin. *Sveriges Historia*, Stockholm. 1839 p. 121.

Singular condição dos destinos humanos, que seja o navio o primeiro instrumento das revoluções modernas, e que sejam as prôas que tracem no livro immenso do Oceano a historia mais eloquente da civilisação.

Desde que o aventuroso genovez sonha a sua gloriosa expedição e pede por especial mercê aos reis catholicos, que lhe dêem uns pobres navios, por meio dos quaes virão a ser os mais poderosos principes do mundo, o desejo das emprezas maritimas chega a ser na Europa um fanatismo, uma d'estas sublimes loucuras, com que o mundo se revoluciona, se transforma, progride, melhora e espedaça as cadeias da tradição, e deixa absortos perante não sonhadas maravilhas os proprios conquistadores.

O caminho mais breve entre a Europa e as regiões encantadas do Oriente é a preoccupação dos navegantes e o sonho dos cosmographos. Colombo e Americo Vespucci saudam as praias desconhecidas do Novo Mundo, julgando ter tomado terra n'uma região da Asia oriental [1], e haver resolvido o grande problema da cosmographia e da navegação. Se não tinham ancorado junto das praias do remoto Zipangu (o Japão), que se julgava o termo suspirado e o premio digno de todas as expedições trans-atlanticas, deixaram, em seu conceito, aberta a estrada, por onde mais felizes, mas não mais audazes navegadores, iriam rematar a empreza começada. Se a inspiração com que Martin Alonso Pinzon, o companheiro de Colombo, se dizia illuminado, alcançou que o almirante genovez desistisse de seguir a supposta derrota para o Japão, e navegando para sudoeste, tomasse terra n'uma ilha americana, sempre é certo que o Novo Mundo se patenteou aos europeus por um d'estes erros felizes, que valem mil vezes mais do que a verdade.

Partir das costas europeas, fazer-se á vela no rumo de sudoeste, abordar ás regiões orientaes, e voltar depois pelo mar das Indias, circumnavegando o globo inteiro, era a predilecta empreza dos grandes navegadores desde a primeira expedição de Christovão Colombo. Estando o almirante na ilha de Cuba, escrevia no seu diario, no 1.º de novembro de 1492: «Ficam defronte de mim, e muito proximas, Zayto e Guinsay do grão-Kan». Eram o Zaytun e o Quinsay de Marco Polo. [2]

A ser verdadeira a narração de D. Fernando, filho do grande descobridor, e o testimunho de André Bernaldes, cura de los Palacios, o qual tratou intimamente e em sua casa hospedou o navegador, ao voltar da sua segunda expedição, deve acreditar-se haver Colombo, sempre infatigavel no proseguimento da sua grande empreza, tentado, ao sair de Cuba, navegar para o occidente, com o proposito de voltar á Hespanha por mar, tornando por Ceylão, e costeando a peninsula africana, ou regressar por terra, fazendo-se na volta da Palestina.

(Continúa) J. M. LATINO COELHO.

Não ha coisa mais torpe que um velho, que nenhuma outra prova tem, de que viveu muito, mais que a edade.

P. MANUEL BERNARDES.

[1] «Ainda que o navegador (Colombo), que por fins do seculo XV dirigia esta empreza grandiosa (o descobrimento da terra americana) não levava de certo o seu intento em aportar a uma nova região do mundo, se bem que seja certo haverem Colombo e Vespucci perseverado até á morte na crença de que haviam apenas reconhecido uma parte da Asia oriental, a expedição offerece comtudo os caracteres de um plano scientificamente delineado e conduzido.»
Humboldt. Cosmos, t. II. p. 292. Ed. franceza.

[2] Humboldt. Cosmos, t. II, p. 564, nota 75. Navarrete, *Veajes 7 Descobrimentos* t. I, . 46.